

**Aluno: Henrique Lopes Ferreira, n° USP 8972653**



**Disciplina: Literatura Latina: Retórica/Oratória**

**Professor: Adriano Scatolin**

**Cícero - pragmatismo a serviço da República**

**Universidade de São Paulo**

**2016**

## Introdução

Vinte séculos depois, Marco Túlio Cícero continua sendo um dos maiores professores da arte retórica que a humanidade já ouviu. Entretanto, entender as sutilezas de seus discursos exige a compreensão do contexto em que foram proferidos. Nesse sentido, será feito um breve relato da situação de Roma antes do ano 63 a.C. Pois, desse modo, é possível demonstrar as preocupações que embasaram sua conduta política.

Em fins da década de 70 a.C., o estado romano passava por uma grande crise econômica, cujos impactos sociais ameaçavam desintegrar a República. Entre os principais motivos da crise estavam a pirataria e os conflitos com reis do oriente. Os corsários saqueavam os navios que abasteciam Roma com seus principais alimentos, o que gerou escassez e fome. Os reis do oriente, Tigrane e Mitrídates, articulavam-se com os piratas para enfraquecer os romanos e, posteriormente, dominá-los. Devido às grandes perdas financeiras e militares, em 67 a.C. graças à lei Gabínia, foi concedido plenos poderes para o general Pompeu, para acabar com os corsários. Tal objetivo foi alcançado em relação aos conflitos no mar, mas em terra, Roma estava ameaçada pelos inimigos do oriente. Era, pois, preciso que a estratégia militar focalizasse essa região. Para isso seria necessário ampliar os poderes do general Pompeu, o que abriria um perigoso precedente na República, tornando esse general chefe absoluto sobre o mar e a Ásia, sem precisar de que suas deliberações fossem aprovadas pelo senado ou pelos cônsules.

A proposta de ampliação dos poderes de Pompeu, batizada de lei Manília, foi muito mal recebida no senado, pois havia um temor generalizado de que Pompeu pudesse se tornar um ditador ao regressar da guerra. Mas, para Cícero – à época pretor – esse era um risco que deveriam correr, pois o fortalecimento dos reis do oriente tornara-se uma ameaça mais próxima à estabilidade romana. Nesse sentido, Cícero se incumbiu da defesa da referida lei, e tornou Pompeu plenipotenciário. Com isso, tem-se uma primeira grande amostra de seu espírito pragmático, uma vez que preferiu reforçar um inimigo futuro para combater um perigo iminente. Nas palavras do escritor Maffio

Maffii, foi uma aparente contradição o fato de que “[...] a defesa da medida excepcional devia vir justamente do mais ardoroso defensor da legalidade e da autoridade do Estado.” (MAFFII, 1948, p. 35).

### **Defesa de Murena**

Durante o ano de 63 a.C., Marco Túlio Cícero, então cônsul, percebe um novo grande perigo à estabilidade da república. Após ter apaziguado conflitos entre a oligarquia nobiliárquica e os “cavaleiros” - comerciantes e industriais - e ter contribuído para o êxito de Pompeu na Ásia, Cícero é alertado a respeito dos interesses conspiratórios de Lúcio Sérgio Catilina. Este buscou angariar o apoio da maioria da população de Roma prometendo um amplo programa de reforma agrária, e contava também com o auxílio de grande parcela dos cidadãos romanos, insatisfeitos com sua situação financeira agravada pela crise econômica. Entre esses estavam os “[...] decadentes, os dissolutos cobertos de dívidas, os magistrados afastados por incapacidade física, os aventureiros febricitantes de ambição e privados de crédito.” (MAFFII, 1948, p.87). Dito de outro modo, Catilina estava fermentando as camadas miseráveis da população romana à rebelião com promessas democráticas.

Nesse mesmo ano, haveria a eleição dos dois novos cônsules que governariam a República a partir de 62 a.C. Os candidatos eram: Lúcio Lícínio Murena, Sêrvio Sulpício Rufo, Júlio Silano e Catilina, que concorria pela terceira vez ao cargo. Foram eleitos Murena e Silano. Em seguida ao resultado, Catilina dá início a sua insurgência. No entanto, Cícero é avisado por Marco Crasso, Marco Marcelo e Metelo Cipião de que cartas anônimas a eles dirigidas indicavam que a insurreição de Catilina estava para começar. Desse modo, Cícero pôde se antecipar às decisões daquele e conseguiu impedir a revolução.

Contudo, havia muito ainda a temer, pois Catilina estava fora de Roma, em Arezzo, onde tentava reorganizar seu exército. Além disso, Sulpício e Catão acusaram

Murena de corrupção e falta de decoro, objetivando impedi-lo de assumir o consulado. Diante desse quadro e atento às informações que circulavam por Roma a respeito das intenções de Catilina, Cícero entende que era preciso ter um homem forte para impedir aquele de destruir a estabilidade republicana. Assim, Cícero avalia que somente Murena estava à altura de tal missão, uma vez que estava em consonância com seus propósitos e era “[...] um dos mais valorosos lugar-tenentes de Luculo na guerra mitridática [...]” (MAFFII, 1948, p.87). Foi, portanto, diante desse contexto que Cícero fez a célebre *Defesa de Murena*, com o intuito de manter no consulado o único capaz de combater e esmagar Catilina.

### **Pro Marcello**

No final da década de 50 a.C., César e Pompeu desencadearam uma guerra civil em Roma. O primeiro, que acabara de sagrar-se o grande vencedor das guerras nas Gálias, tinha aumentado em muito seu poder militar e político; o segundo, dotado de plenos poderes pelo Senado, possuía os recursos financeiros, a imponente frota naval e o apoio de muitos cidadãos influentes. A disputa entre os dois generais pela controle do império romano fragmentou o Estado e produziu um caos econômico em Roma. Durante esse período, precisamente entre os anos 52 a.C. e 46 a.C., Cícero não proferiu nenhum discurso. Todavia, atuou intensivamente no sentido de conduzir a situação a uma solução pacífica.

Quando os dois generais iniciaram as batalhas, Cícero retirou-se de Roma. Dirigiu-se a Fórumia e de lá refugiou-se em Cuma. Sua mensagem para os dois chefes contendentes era a de que manteria a neutralidade e agiria no sentido de buscar uma saída conciliatória para o conflito. Tal mensagem não foi bem recebida por nenhum dos dois generais, que desejavam contar com a influência de Cícero. No entanto, Cícero manifestava, em cartas para seu amigo Pompônio Ático, sua predileção por Pompeu, por acreditar que este defendia um projeto constitucionalista para a República.

Deflagradas as batalhas campais, César mostrou-se melhor estrategista e conseguiu, primeiro, vencer os exércitos de Pompeu na península itálica; depois, vencê-los em seus territórios na península ibérica. Com a morte de Pompeu, em armadilha tramada pelo rei egípcio Ptolomeu XII, partidário de César, teve fim a guerra. Diante desse cenário, para os ex-pompeianos era o momento de buscar a clemência de César.

Nesse sentido, Cícero, que embarcara para o alojamento de Pompeu contrariando as exigências do agora único ditador, retornou a Roma para submeter-se a César. Para sua surpresa, o general vitorioso não apenas foi clemente com ele como tratou-o com amizade. Dentro desse contexto de magnanimidade do *Ditador perpétuo*, Cícero proferiu outro de seus famosos discursos, *Pro Marcello*, no qual elogiou César por sua generosidade para com seu amigo ex-pompeiano, Marco Marcelo, concedendo-lhe perdão, e, ao mesmo tempo, com perspicácia, exortou César a reconstruir a República, de cuja destruição tinha sido, em grande medida, o responsável.

### **Conclusão**

De todo o exposto, verifica-se que Cícero buscou durante toda sua vida política manter a estabilidade da República. Tal postura é exemplificada pela resposta de Cícero a seu amigo Célio, quando aquele intenciona juntar-se às forças pompeianas: “desejaste lembrar-me as vicissitudes a que eu exporei minha família; mas não há nada que, para mim, valha a salvação da República.” (CÍCERO apud MAFFII, 1948, p.387). Com efeito, a confiar nos escritos de Plutarco, Cícero manteve-se firme nesse ideal até sua morte. De acordo com o famoso historiador, após os desdobramentos da reunião entre Caio Júlio César Otaviano, Marco Antônio e Marco Lépido que estabeleceu o segundo Triunvirato, Antônio exigiu a morte de Cícero. Este, perplexo com tamanha traição da parte de Otaviano, tentou fugir, mas foi logo alcançado. Enquanto esperava a chegada de seus algozes, teria posto a mão no queixo de acordo com seu hábito, e esperado resoluto até que o soldado Erênio desferisse o golpe letal, decapitando Cícero e matando o ideal republicano.

**Bibliografia:**

MAFFII, Maffio. *Cícero e o seu drama político*. São Paulo: IPÊ - Instituto Progresso Editorial, 1948..

CÍCERO, Marco Túlio . *Orações*. São Paulo: Edipro, 2005.